

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

13.ª ETAPA - CARTAXO - LISBOA (158 KM)

PÁSCOA EM AGOSTO E «AMÊNCOAS» PARA VALADA

Dois mais três são cinco. Cinco mais cinco são dez. Exactamente: dez homens. Foram dez homens que na cavalcada para Lisboa, à cabeça do Festival Sol de Agosto, realizaram, cada um segundo os seus interesses, um «contra-relogio» à partes, prova que não vinha no Livro Oficial da «Volta-66» nem sequer estava prevista por quem se recordava ainda da odisséia da véspera, de Castelo Branco no Cartaxo...

Pedro Moreira alcançou, à vontade, a sua vitória n.º 3

Carlos Carvalho, esse veterano da Volta a Portugal, já uma vez vencedor da grande competição, resolveu ser também dirigente do ciclismo e desbarbado a inovação, que se processou em 70-80 quilómetros dos 158 desta ligação rápida, da ribatejana terra do Cartaxo, afamadas terras de «aliquidos medicinais... até 15 graus, até à capital, quase deserta naquela feriadinho oportuno, sucessão de uma «sponte» remansosa, de baixo de um pinheiro ou à borda do mar.

cadezas de uma fuga em entendimento perfeito: — Agora puxe V. Ex.ª... — Por amor de Deus, primeiro V. Ex.ª... — Por quem sois, agora puxe etc... Seria enternecedor. Mas... não foi quem agarrar naquilo, heróica e, pondo o grupo nas horas de estar, até Lisboa, por entre os vinhedos do ubérrimo concelho de Torres Vedras e depois, já na região alentejana, entre as verduras da Malveira de Beatriz Costa do burrico e do burro, foi, acima de todos, Sérgio Páscoa, o excelente «crista» do Tavira, claramente «desassossegado» desde que se deixou Castelo Branco, a caminho do Sul.



SINAL DE VITÓRIA — Pedro Moreira faz o gesto dos vencedores, ao erguer o braço, no momento em que cortava triunfante a meta instalada na pista do Estádio de Alvalade

FICHA DA ETAPA

Corredores à partida: 42. Corredores à chegada: 41. Desistentes (1): Manuel Correia (Sporting). Méta volante (Bombarral) — Cosme de Oliveira (F. C. Porto) em 2 h 1 m 52 s tempo inferior ao previsto que era de 2 h 04 m. (Cumprida a média obrigatória pela primeira vez em toda a prova). Classificação por equipas: 1.º, Benfica, 11 h 54 m 54 s; 2.º, F. C. Porto, 12.07.47; 3.º, Tavira, 12.08.09; 4.º, Cedemi, 12.20.40; 4.º pontos: 5.º, Sangalhos, 12.20.40; 5.º, Sporting, 12.33.33; 7.º, Flandria, 12.34.07. Média prevista: 37 km/h. Média registrada: 39,781 km/h.



NA META — Leonel Miranda é o primeiro em Estremoz, não escondendo a natural alegria em que corta vitorioso o risco da chegada

15.ª etapa-LISBOA-ESTREMOZ (183 km)

LEONEL—O ESPIÃO QUE SAIU DO QUENTE...

TUDO SE RESUMIU À «ODISSEIA DA SEDE»

Também era o que faltava — que houvesse ciclismo, do bom, com fugas e contra-fugas constantes, na etapa de Lisboa para Estremoz, início da sempre penosa «Campanha do Sul», obrigatória na Volta a Portugal, e realizada, infelizmente, às altas temperaturas desta Siderurgia Nacional do Agosto Lusitano, que põe o mercúrio a fazer tonitruas... E evidente que não podia ser. Esta nova travessia lateral do país, mais um zigzague da «Volta-66», que parece ter sido «costurada» numa máquina de plano inclinado, tinha tantas atrações que os ciclistas estavam completamente desobrigados de realizar grandes coisas e até pequenas, dessas de corridas de quermesse, com dois estícos, a cem mil réis cada um.

Exactamente. A ponte, essa fantástica ponte sobre o Tejo, sonho de mil gerações, foi, mais do que uma novidade da Volta a Portugal, uma verdadeira obsessão para toda a caravana, desde os corredores e os dirigentes ao motorista do «carro-vasouras».

14.ª ETAPA - (9 KM)

NO «PEDITÓRIO» DE ALVALADE GANHOU O «PAPA-CIRCUITOS»

Se não fosse o receio de que os nossos amigos federativos se zangassem, iríamos contar-lhe que, na passada segunda-feira, à noite, depois da «cavalcada» do «Festival Sol de Agosto», para Lisboa, a «Volta» foi até à pista de Alvalade fazer o seu «peditório». Porque só assim, em estilo de bando mendicante, se podem compreender estas voltinhas de quermesse...

O belga VANDEN NEST conquistou a sua terceira vitória

— Já correu o seu circuitosinho hoje? Em Alvalade foi o costume; o que valeu mais ainda foram as palmas e o Valada pai a vestir a «camararia» no Valada filho.

A PONTE «GRELHOU» A VOLTA

Mas aconteceu que os homens da informação, muito especialmente os nossos amigos fotógrafos, perderam a cabeça com a Ponte. Que é sensacional, como todas as vocelências já sabem e que põe um ar de modernismo à Lisboa que se insiste em querer velhinha, de xaille e lenço, que é mesmo de etarar, como soe dizer-se agora.

Os ciclistas foram distribuídos por seis séries e, mais do que coisas a salientar, houve coisas a estranhar: 1.ª Série — Ganhou o Emiliano Dionísio, mas o Peixoto Alves — mais um segundo — não entrou na embalagem final.

FICHA DA ETAPA

Concorrentes à partida: 41. Concorrentes à chegada: 39. Desistentes (2): António Santos (Sangalhos) e Emiliano Dionísio (Sporting). Méta volante (Setúbal) — José Pinto (F. C. Porto), em 1 h 4 m. 59 s. Classificação por equipas: 1.º, F. C. Porto, 14 h. 39 m. 51 s; 19 pontos; 2.º, Benfica m. t. 25 pontos; 3.º, Sporting m. t. 25 pontos; 4.º, Flandria, m. t. 34 pontos; 5.º, Cedemi, m. t. 47 pontos; 6.º, Tavira, m. t. 52 pontos; 7.º, Sangalhos, 14 h. 40 m. 25 s. Média exigida: 36 km/h. Média verificada: 37,438 km/h.

vez em quando, pouquinho, por Cosme de Oliveira, que éz a despesa da etapa, careando progressivamente para o «Monte dos Deza» verdadeiro «Monte dos Ventavals» de um dia enalorado de Agosto, segundos sobre segundos, até à volta absolutamente invulgar, de quase treze minutos (faltaram dois segundos quando, pouquinho, por Cosme de Oliveira, que éz a despesa da etapa, careando progressivamente para o «Monte dos Deza» verdadeiro «Monte dos Ventavals» de um dia enalorado de Agosto, segundos sobre segundos, até à volta absolutamente invulgar, de quase treze minutos (faltaram dois segundos...

OS FURROS DA VOLTA

Se me dão licença, eu, hoje, vou dar uma certa nota antecipativa a esta secção da reportagem da Volta a Portugal. A verdade é que tenho um certo grupo de amigos que, concluída a «Volta», gostam de fazer roda, mandar vir duas bicás e quatro copos de água, puxar da sua cigarrada e dizerem, com interesse mais ou menos real: — Ora então, tu, que andaste lá na «Volta», conta coisas...

De modo que havia um plano todo pronto, o Jorge Pereira dava um prémio ao primeiro a sair da ponte, os fotógrafos meteram arrefeço de camaradas lisboetas e prepararam-se para fazer fotografias, lindas, radiosas, dos pequenos em pleno esforço, a apontar, que é como quem diz, a possessure na Ponte.

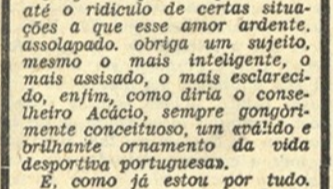
Mas a faixa de rodagem da Ponte, metade é alcatrão, metade é grelha. E a grelha dá cabo das rodas das bicicletas. E foi recolhido neutralizar a Ponte. Para o ciclismo, ficou a ser uma Ponte sem inclinação clubística, pois os mancoes das rodas pedaleiras passaram lá em ar de passeio... E houve bonecos, lindos, mas sem o esforço dos rapazes. E a «Volta», a sério, a doar, a furar, não passou pela «Ponte». Por causa da grelha. A Ponte «grelhou» a «Volta». E a verdade é que estava mesmo um calor de grelhados...

Parámos o carro, para observar. Porque tanto apuro, tanta organização, merecia referência especial. E mais: cheirava a burocracia, a ordem de serviço distribuído à Corporação, a serviços de escala a coisas a sério...

um balde, um copo, uma cafeteira, um jarro, que sabemos nós, de «menagens» da estrada mobilizada à pressa pelo povo, o povo que faz a «Volta» e a salpica de humanidade a cada curva do caminho.

HOJE CORRO EU!

Eu tenho o mais vivo respeito pelo chamado amor clubístico deste, nacional, puro, genuíno, tão sentido, tão sincero, tão dramático que, ainda não sei bem como não surgiu, de citara em punho, um trovador do séc. XX, de aparagem electrónica escondida debaixo do balandru, capaz de o cantar, em tom mais ou menos «shak espeariante, comente, tocante, amargurado».



Chego a esquecer pitoresco e até o ridículo de certas situações a que esse amor ardente, assolapado, obriga um sujeito, mesmo o mais inteligente, o mais assisado, o mais esclarecido, enfim, como diria o conselheiro Acácio, sempre gonóricamente concetioso, um gralido e brilhante ornamento da vida desportiva portuguesa.

E como foi feita essa «prova» à partes? Em entendimento cordial, com toda a gente, em jogo de medidas, a «puxar para o montes». Qual quê! Foi evidente neste «grupo heterogéneo» de diferentes ambições, o choque de interesses entre a parte activa, aquela gente que queria bolota e, por isso, tinha a ideia de que era preciso trepar, e outra, passiva cujo papel, por muito «antipático» que fosse, segundo uma velha simoníade do ciclismo, era o de «María vai com as outras», com o mínimo esforço possível.

FIGURAS DA VOLTA

«SEU» BENEDITO PAI DE SETE CRIANÇAS

«Seu» Benedito. Benedito Duarte da Silva. Pai de sete crianças, casado com D. Teresa. Trinta e quatro anos. Uma oficina de bicicletas, lá no Brasil. Um homem sossegado, sem ondas, metido nisto do ciclismo. É o «lanterna Vermelha» da classificação geral. Chega quando chega... mas chega sempre.

«Mas esse» Benedito é «coba mesmo». O que é, é que não vai a matiar... ele prefere fazer as coisas mais de vagarinho, mas salirem perfeitas... E enquanto muitos outros assim que «coba começa a fumar» foram direitosinho, para casa, esse» Benedito, montado na sua bicicleta, vai «maneirando», «maneirando» e chega sempre ao fim.

UMA NOTA DE QUINHENTOS... SE PERDER A CAMISOLA ...ELA FICA NO BENFICA

SE PERDER A CAMISOLA ...ELA FICA NO BENFICA

Pois, amigos, se a nota de quinhentos, pertinência dos «camisolas amareladas», fosse de andar de mão em mão como as «pombinhas da catrina», por certo que já estaria desconfiada...

convicção de FRANCISCO VALADA

— Bem. A coisa não tem corrido mal e a verdade é que, por agora, o meu papel tem de ser este: defender!

— Pouca coisa... Que me aguentem! — E o Valada? — Não. Até ao «contra-relogio», quero ver se me «taixam li sossegado. Depois, aí, é que terei de tratar da vida.

VITOR SANTOS

CARLOS MIRANDA

CARLOS MIRANDA